

Intrigas no ministério minam Aliança

Marco Maciel, a volta ao Senado



O chefe do gabinete civil confidenciou a Romero Jucá, presidente da Funai e seu afiliado político, que voltará ao Senado — tem mandato até 1990 — lá pelo final da semana que vem. Disse que sua situação é produto da linha política desenhada por Sarney, do fim da Aliança Democrática e da conduta do PFL na Constituinte. Quer liderar a bancada de 120 deputados e 14 senadores.

Desde as eleições de novembro, Maciel hesita entre ficar e sair. Agora, contudo, seus aliados do Congresso acreditam que ele volta mesmo ao parlamento. Motivo: nenhuma de suas jogadas políticas deu certo. Fracassou quando articulou a nomeação de um líder para dividir o PMDB e não conseguiu dar o Ministério da Previdência ao PTB, que exigia para aderir ao governo. Romero Jucá ficou convencido de que Maciel não fica no palácio e até brinca: "Agora, ele vai engordar."

Dirigentes do PMDB fazem mal de ministros, que também não se entendem. Nem Sarney é poupado

Jorge Bastos Moreno e Vanda Célia *

Brasília — Há 15 dias, num encontro na Península dos Ministros, o presidente do PMDB e da Constituinte, Ulysses Guimarães, e um grupo de amigos discutiam as chances de alguns governadores em final de mandato serem aproveitados numa provável reforma do ministério. "Sarney já me aprontou tantas que eu não duvido que ele coloque o Montoro no governo", queixou-se Ulysses, resignado, referindo-se ao então governador de São Paulo, Franco Montoro.

Um dos seus amigos indagou: "E o Jader Barbalho (PA)? Será que ele vai ganhar um ministério porque elegeu (Jarbas) Passarinho senador, a pedido de Sarney?" A conversa deu voltas e novamente parou em Montoro: "Ele não pode ser ministro das Relações Exteriores porque se alia, a nível externo, às facções mais reacionárias. O PMDB se alia à social democracia e Montoro é democrata-cristão", disse um dos políticos presentes. Outro completou, com ironia: "Ele deve ir mesmo para o Ministério da Educação. Vocês se lembram que o Tancredo gozava o Montoro porque ele era professor de cinco universidades ao mesmo tempo e mal conseguia ser senador?"

Com o governo parado à espera da reforma ministerial e a impressão de que, desta vez, o presidente José Sarney trocará cargos de ministros por apoio de governadores, a chamada Aliança Democrática — pacto com o qual a habilidade política de Tancredo Neves conseguiu juntar sob a mesma bandeira desde dissidentes do regime militar até a esquerda mais radical do PMDB — virou de uma vez por todas um saco de gatos.

Teoricamente o principal interlocutor de Sarney, Ulysses, mais uma vez, não está sendo ouvido. Mas publicamente nega que esteja sendo jogado para escanteio, embora entre amigos critique o presidente. Confidenciou a um senador de sua confiança, por exemplo, que está amarrado a um problema que já é crônico. "Ele se pela de medo do Aureliano Chaves", afirmou Ulysses, achando que a única forma de Sarney livrar-se da sombra desse ministro é dividir a pasta em dois ministérios — o das Minas e o da Energia. "Mas nem isso ele tem coragem de fazer. Eu entendo a sua posição e não queria estar na pele dele", completou o presidente do PMDB.

Ulysses reclama que já não consegue trabalhar devido ao assédio dos que desejam entrar e dos que querem ficar no ministério. Como seu nome está envolvido nas articulações da mudança da equipe, ele afirma que, diariamente, tem que ligar para os ministros, negando que esteja defendendo a demissão de um ou de outro. Foi obrigado a fazer uma visita formal a Roberto Santos, no Ministério da Saúde — aonde só costuma ir para ser vacinado quando viaja ao exterior — e a ele desmentiu que estivesse especulando sobre a sua demissão. Não foi tão generoso com José Hugo Castelo Branco, ministro da Indústria e do Comércio. Limitou-se a fazer o desmentido por telefone. "Fiz isso por cortesia, pois o José Hugo já está conformado com sua saída", justificou-se a um amigo.

O ministro do Interior, Ronaldo Costa Couto, é um dos que lutam para permanecer no cargo, valendo-se do prestígio de Ulysses. Um telegrama do presidente do PMDB em resposta a um longo telex de cumprimentos de Costa Couto pelo seu aniversário é a principal arma que os assessores do ministro exibem para os jornalistas, como forma de demonstrar prestígio. Costa Couto e José Hugo pagam o preço de não terem apoiado a candidatura de Newton Cardoso a governador de Minas Gerais. José Hugo já aceita qualquer coisa. O ideal seria uma embaixada. Costa Couto, que poderá ser substituído pelo vice-governador de Pernambuco, Carlos Wilson Campos, não ficará ao relento: deverá presidir a Caixa Econômica, no lugar de Marcos Freire. Este, ameaçado, passou a fazer uma via-sacra pelo Congresso, em busca de apoio.

A reforma ministerial poderá ser desencadeada dentro do próprio Palácio do Planalto, com a provável saída de Marco Maciel do gabinete Civil. Sarney não quer que ele saia. A decisão está nas mãos de Maciel. Sarney confidenciou a amigos que Maciel é o ponto de equilíbrio entre ele e Aureliano Chaves. Maciel, como todos os amigos de Sarney, integra o bloco que é contra a permanência de Dilton Funaro no Ministério da Fazenda. "Quando a pessoa começa a ser desacreditada, dificilmente consegue se recuperar", diz Maciel a respeito de Funaro. Funaro, aliás, é hoje a maior vaga do ministério. Para governar, Sarney conta com ele ou com a vaga dele, tão importante se tornou o ministério da Fazenda. As outras vagas servem apenas para fazer composições políticas.

Nesse jogo de disputa do poder, quem não precisa de Ulysses, o ignora. Quêrcia, por exemplo, não lhe pediu adesão à sua campanha em favor de Ralph Biasi para o lugar de José Hugo. O governador de São Paulo tem compromissos de pura gratidão com Biasi. Quando suas investidas sobre Sarney ainda não estavam dando resultado, ligou para o afilhado: "Ralph, o Sarney não tem outra alternativa, vai ter que engolir goela abaixo, porque ele sabe que sou bom de briga".

Na mesma reunião de 15 dias atrás da confraria de Ulysses, fez-se um balanço da atuação dos ministros. Resultado da análise: do PMDB, poucos são os que trabalham. O maior exemplo de folga, segundo eles, é Paulo Brossard, ministro da Justiça. "Ele agora conhece todos os pratos típicos regionais, mas não conhece a posição dos governadores, apesar do estardalhaço que fez com a sua missão Brossard", comentou um dos participantes do encontro.

Até decisão em contrário, estão imunes ao vendaval que deverá varrer a Espianada dos Ministérios: Brossard, apesar do conceito que tem junto aos amigos de Ulysses; Renato Archer, da Ciência e Tecnologia; Celso Furtado, da Cultura; e Almir Pazzianotto, do Trabalho. Pazzianotto, porém, não tem escondido sua frustração com a intervenção militar para assegurar o funcionamento de setores essenciais. As vezes, Pazzianotto desabafa: "Qualquer dia, largo tudo e vou me dedicar à campanha para ser prefeito de São Paulo, com ou sem o apoio do PMDB". Ele acusa os líderes do partido de terem minado as tentativas de alcançar um pacto social, intrigando-o com assessores do presidente. "O PMDB tem ódio do meu sucesso. Se o pacto desse certo, ninguém me segurava. Por isso, apostaram no meu fracasso".

* Colaboraram Consuelo Diegues, Inácio Muzzi e Solon Dias

Aureliano Chaves, campanha montada



O ministro das Minas e Energia articula o lançamento de sua campanha à Presidência. Já contratou uma agência de publicidade de Brasília — mas só larga o ministério quando o mandato de Sarney for reduzido para quatro anos Isolado pelos colegas, e hostilizado pelo governador Newton Cardoso, tenta aproximar-se do ex-governador de Minas, Hélio Garcia, procurando concentrar na dupla as opções mineiras para o Palácio do Planalto.

Mas Aureliano começa a ficar à margem até das decisões do PFL. Na segunda-feira passada, a cúpula do partido se reuniu com Sarney no palácio e não o convidou. Sua base na Constituinte também está ameaçada: o líder da bancada do PFL, deputado José Lourenço (BA), adotou seu estilo brusco de negociar e perdeu a briga com o líder do PMDB, senador Mário Covas.

Roberto Santos, sem defensores



A direção do PMDB não torce pela permanência de Roberto Santos no Ministério da Saúde, pois o considera um "paciente terminal". As especulações sobre sua saída ficaram mais fortes depois que oficializou a demissão da mulher do seu antecessor, deputado Carlos Sant'Anna, na hora em que este era sacramentado líder de Sarney no Congresso. Luta para livrar-se da sombra de Sant'Anna, representada pelos assessores que ainda não conseguiu demitir.

Detesta o presidente da Fundação Osvaldo Cruz e secretário de Saúde do Rio, Sérgio Arouca, que é de fato o ministro da política sanitária. Quando a novela "Roda de Fogo" estava no ar, quase caiu da cadeira ao ver Arouca receber um telefonema da ex-torturada Maura Garcez, presidente da Fundação Renato Villar, que pedia apoio para os projetos da entidade.

A impotência do Ministério da Saúde diante do alastramento da epidemia de dengue pelo país e os atritos com a Igreja causados pela campanha de prevenção da AIDS são marcas negativas da passagem de Roberto Santos pelo governo. Os pedecistas não escondem a frustração com a oportunidade perdida de pôr em prática as propostas do programa do partido para a área de saúde.

Abreu Sodré, o amigo desastrado



É ministro apenas porque Sarney mantém com ele uma amizade de 30 anos. Não tem qualquer apoio de partido político, embora filiado ao PFL. É, de longe, o mais desastrado auxiliar do presidente. Na viagem a Cuba, levou a extremos sua imprudência, segundo assessores do presidente, quando disse que "há 92% de unidade de pensamento entre Cuba e o Brasil".

Estabanado na diplomacia, Sodré conseguiu, entretanto, barrar o avanço do ex-governador de São Paulo, Franco Montoro. Ele procurou Montoro e se disse disposto a pedir demissão, para deixar livre seu caminho rumo ao Itamarati. A recusa de Montoro foi a confirmação que Sodré esperava para convencer Sarney a não dar chance para o ex-governador reivindicar o Ministério das Relações Exteriores.

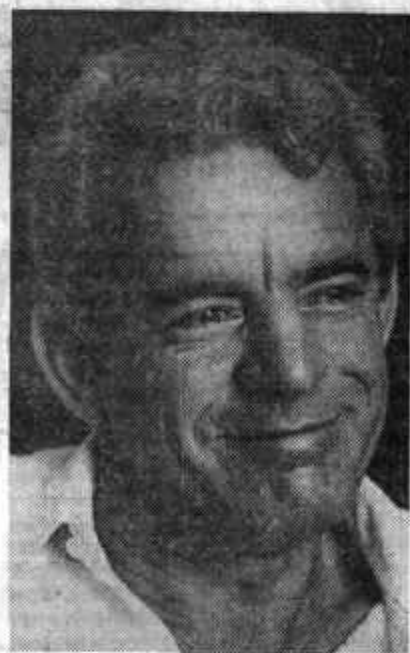
José Hugo, chance de uma embaixada



Responsável pelo caixa da campanha de Tancredo Neves, José Hugo assumiu o Gabinete Civil e ganhou de pronto a confiança de Sarney. Mas na primeira reforma foi deslocado para o Ministério da Indústria e do Comércio. Apoiado pela família de Tancredo, José Hugo começou a se desgastar politicamente em 1985, quando investiu tudo na candidatura de Artur da Távola a prefeito do Rio e recusou-se a receber o outro postulante do PMDB, o deputado Jorge Leite. A tentativa de intromissão na política de Minas foi igualmente desastrosa: ganhou a inimidade do governador Newton Cardoso.

Ainda goza da confiança de Sarney, e por isso poderá receber como prêmio de consolação, uma embaixada. Usa de sua amizade com empresários para fazer campanha contra Funaro, tendo como um dos aliados o ministro Abreu Sodré, de quem poderá ser subordinado se sua indicação para uma embaixada ocorrer antes da saída do chanceler.

Íris não manda nem se queixa



Íris Resende é o Newton Cardoso do ministério, tão folclórica tem sido sua atuação. Com a diferença de que não tem a força do governador de Minas Gerais. Se Newton tem poder de impor ministros a Sarney, Íris não consegue mandar no próprio Ministério da Agricultura. Há um ano, contava com simpatias de Sarney. Afinal, quando era governador de Goiás, fez com que o presidente fosse calorosamente recebido em palanques do PMDB. Sarney, tinha medo de ser vaiado. Perdeu prestígio depois que apoiou pequenos agricultores que criticaram a política econômica do governo. Recebe pouco apoio de Funaro para conduzir sua pasta, mas evita fazer queixas. Deve sair, segundo um assessor do Palácio do Planalto, porque o presidente precisa do cargo para negociar respaldo na Constituinte.

Costa Couto, órfão de Tancredo



Órfão de Tancredo, é comovente seu esforço para permanecer ministro. Na quinta-feira passada Costa Couto, foi ao Norte e Nordeste em busca de apoio político, depois de ter sido abandonado pela bancada mineira. Conseguiu apenas unir em seu gabinete, a bancada do Amapá — quatro deputados federais — e o governador do território, Nova Costa, além de cinco prefeitos. No mesmo dia, recebeu o deputado Ulysses Guimarães e lhe cedeu o equipamento de televisão para a gravação do noticiário oficial da Constituinte. Além de abrir as portas do gabinete para políticos, ele manda ao Congresso seus principais auxiliares, que lutam por sua permanência no ministério.

Dante colhe vaias em vez de aplausos



Tem uma grande afinidade com Sarney: em pouco tempo, como o presidente, conseguiu a proeza de transformar aplausos em vaias. Se antes era festejado por ter dado nome à emenda das eleições diretas para presidente, Dante de Oliveira agora é hostilizado por ser ministro encarregado de um programa que o governo não quer executar, o da reforma agrária, missão que assumiu logo depois de ter sido eleito prefeito de Cuiabá. Afilhado de Ulysses Guimarães, ouviu dele, logo que foi nomeado para o ministério, a previsão de que sairia desmoralizado do cargo. Na época, Ulysses estava com distúrbios neurológicos e sua premonição foi levada na conta da doença. Um dos melhores amigos de Dante, o deputado João Herrmann (SP), que torceu e influenciou na sua nomeação para o ministério e hoje faz força para mantê-lo no cargo, acha que ele não tem mais o que fazer no governo.

Deni Schwartz, passagem apagada



Não emplacou e, possivelmente, por saber disso, começou a pregar a renúncia coletiva do ministério no dia da posse dos novos governadores. Deni Schwartz sobreviveu à tentativa que alguns assessores do presidente fizeram para extinguir sua pasta, mas agora está enfrentando a ambição de Newton Cardoso. O governador de Minas quer colocar no lugar de Schwartz o deputado Maurício Pádua (PMDB-MG).

Newton Cardoso já revelou a assessores que Deni Schwartz tem os dias contados. Seu adversário do Paraná, ex-governador Paulo Pimentel, já publicou no jornal de sua propriedade que o ministro será demitido porque liberou dinheiro em excesso durante a campanha eleitoral. O ministro não parece ter fôlego para ficar no posto e sua assessoria encontra dificuldades de justificar a demissão.

A queda de Deni poderá ter outro reflexo na política mineira: a reconciliação entre o governador do Distrito Federal, José Aparecido, e Newton Cardoso. Se Maurício Pádua for para o ministério do Desenvolvimento Urbano, abrirá vaga na bancada para que o suplente de deputado federal Genesio de Oliveira, irmão de Aparecido, assumo o mandato.

Jorge Bornhausen, apoio de Moreira



Amigo do presidente Sarney e principal aliado do ministro Marco Maciel, Jorge Bornhausen tem apoio no PFL e conta com a simpatia do governador do Rio de Janeiro, Wellington Moreira Franco (PMDB). Busca ampliar contatos na Constituinte e pelo menos duas vezes por mês recebe políticos do PFL para jantar em seu apartamento. Negociou apoio também com a Igreja, a maior empresária da área da educação do país, através de dom Luciano Mendes e dom Eugênio Sales, intermediário na liberação de recursos, para as universidades católicas. Vaiado por estudantes na porta de um restaurante de Brasília, ficou indignado: "Não vale a pena ser ministro para receber vaias até de madrugada".